

## CLAVICULÁRIO: PALAVRAS-CHAVES E OUTROS SEGREDOS

**Elida Tessler**

*Entre o sim e o não existe um vão*

*O real é a rocha que o poeta lapida – dando-a à humanidade mal agradecida*

*Não sei se gosto de mim*

*Não sei se gosto de você*

*Mas gosto de nós*

*Chavão abre porta grande*

*Itamar Assumpção*

São três os eixos propostos para a reflexão neste momento:

O que pode o corpo?

O que pode a arte?

O que pode a clínica?

São três questões muito bem estabelecidas. A partir delas, colocarei mais três perguntas, desdobrando uma proposição.

Pode a arte guardar um segredo?

Pode a arte revelar um segredo?

Pode a arte ser um segredo?

Há dois movimentos do pensamento que sustentam um segredo:

O escondido e o enigmático.

O escondido se mostra, se revela.

O que é enigmático, não tem como mostrar-se.

Decifra-me ou te devoro.

Aquilo que se esconde é diferente daquilo que não se sabe.

A arte é uma tomada de posição.

Apresentar publicamente o resultado de uma produção é mostrar uma

ex - posição.

É construir um outro lugar.

A arte pode criar lugares para as vertigens. Vertigens sutis<sup>1</sup>, mas também aquelas do transtorno, da perturbação, da perfuração de nossos estados de alma.

Neste movimento, está a idéia explícita de deslocamento. Deslocamento do corpo no tempo e no espaço. Por vezes, nossos pés apoiam-se sobre bordas imprecisas quando, do abismo, só temos um vislumbre desfocado do todo que está diante de nós. O olhar busca um ponto de referência.

*“Que faz um homem que chega à beira do precipício, que tem vertigem? Instintivamente, olha para o que está mais perto – vocês já fizeram isso, já viram fazer. É simples, é o que há de mais simples. Fixamos o olhar no degrau imediato ou no parapeito, na balaustrada, num objeto fixo, para não ver o resto (...) O homem que vive este momento não vai fazer a filosofia da queda ou do desespero (...) Olhamos muito atentamente um pedregulho para não ver o resto. Mas acontece que o pedregulho se entreabre, por sua vez, e se torna também um precipício (...) Seja qual for o objeto, basta querer descrevê-lo, ele se abre por sua vez, torna-se um abismo, mas que pode ser fechado, é menor; podemos, por intermédio da arte, tornar a fechar um pedregulho, o que não podemos é fechar o grande buraco metafísico, mas talvez o modo de fechar o pedregulho valha para o resto terapêuticamente. Isso nos permite viver uns dias a mais.”<sup>2</sup>*

A arte é a chave para abrir. Ou fechar o pedregulho.

O pedregulho é a rocha que o poeta lapida.

O pedregulho também é arte.

Precipício.

Vão.

O sim e o não: entre.

O passado e o futuro entrecruzam-se .

*“A retomada do trabalho do artista, que sem cessar recomeça uma nova obra, é o indício de uma insistência que derrapa e jamais finaliza – sob a idéia obscura que o perfura.”<sup>3</sup>*

O passado se projetando no sonho, no encontro amoroso, na procriação, na aventura da viagem e da exploração do mundo mais ampla possível, em seus

---

<sup>1</sup> “Vertigens sutis” é uma expressão que foi evocada e trabalhada por Denise Santanna, durante a conferência de abertura do Simpósio “Corpo, Arte e Clínica”, em 8/4/2003

<sup>2</sup> PONGE, Francis. *Métodos* RJ, Imago, 1997 – p.106-108

<sup>3</sup> René Passareon “*Por uma Poianálise*” in: SLAVUTZKY, Abrão; SOUSA, Edson; TESSLER, Elida. *A invenção da vida – arte e psicanálise*. Porto Alegre, Artes & Ofícios, 2001. p.9

territórios que atraem os indivíduos pela sua diferença. O real é a rocha que o poeta lapida, dando-a à humanidade mal agradecida

O que pode a arte?

A arte pode sair em busca da diferença.

## Claviculario

"Em Claviculario, as palavras gravadas nas chaves são palavras-chaves de algum contexto original, que imaginamos sem nunca poder ter certeza de apreendê-lo. Tão logo percebemos suas particularidades começamos a realizar operações para reconstituir um todo significativo."  
Thaís Rivitti<sup>4</sup>

O futuro aponta as cinzas e a sua pulverização. A morte assume um tom monocromático e etéreo. Estados da alma experimentando os diversos estados da matéria: sólido, líquido, gasoso – os vapores da vertigem sutil – ou pelo menos apontando o encontro destes estados – acreditando que o amálgama pudesse ser capaz de consolidar uma outra vida.

Esta também é uma fala inacabada.<sup>5</sup>

Claviculario é amálgama e pulverização ao mesmo tempo. É amálgama aspirando o anagrama ENIGMAS – IMAGENS.

Neste momento, concebo o trabalho de arte como algo que nasce de um não-saber-o-que-fazer-nem-como-fazer. Mas acreditando que, mesmo não importando o algo a ser feito, importa o modo de realização. O trabalho não pode ser lançado de qualquer maneira. Há método. Pode-se inventar uma metodologia. A origem de uma proposição artística, à beira do abismo, tende mais para o lado da pergunta.

## O que fazer?

O artista italiano Mário Merz vem inscrevendo esta indagação em suas obras, em lugares muitas vezes de difícil acesso ao olhar, desde os anos 60.

---

<sup>4</sup> Texto de apresentação do catálogo da exposição "Dudi Maia Rosa - Elida Tesler – Nelson Leirner - Centro Maria Antônia, USP/SP, nov/2002-jan/2003.

<sup>5</sup> "Falas inacabadas" é o título de uma proposta artística que venho desenvolvendo desde 1993, de modo contínuo, com apresentações em múltiplas instâncias: exposições, livro, cenário, palestras.

## **Che fare?**

Ou ainda melhor: não saber exatamente o que é que estamos fazendo, mas saber que sim, algo fazemos. Neste caso, mais vale o inútil do fazer de João Cabral de Melo Neto.

*Fazer o que seja é inútil  
Não fazer nada é inútil  
Mas entre o fazer e o não fazer  
Mais vale o inútil fazer*

(...)

*Fazer porque é mais difícil do que não fazer*

(...)

*Que o feito o foi para ninguém*

Assim, a arte é, de antemão, um segredo.

Como propunha Marcel Duchamp, a arte tem um barulho secreto.<sup>6</sup>

Como declara Cildo Meireles: não está aqui o que você procura.<sup>7</sup>

O segredo é o chavão: segredo de polichinelo, aquele que todo mundo sabe. O segredo é o que se esconde, e portanto pode ser encontrado, mesmo lá onde não está aquilo que você procura. Basta procurar um pouco mais. O enigma é o contraponto do segredo. Coisa obscura. É o que não se sabe, e sabendo, mantém-se difícil de compreender.

Chavão abre porta grande.

Como é o caso em CLAVICULÁRIO<sup>8</sup>

Tendo anteriormente elaborado uma série de claviculários em metal, estas caixas construídas especialmente para conter chaves, fui tomada pela imagem de uma

---

<sup>6</sup> Marcel Duchamp “Le bruit secret”. Trabalho de 1916, também denominado pelo artista como um “ready-made assistido”. Trata-se de duas placas de latão, unidas por quatro parafusos, totalizando a medida de 12,9 x 13 x 11,4 cm. Entre as placas, um rolo de barbante, no centro do qual um objeto desconhecido foi colocado por Walter Arensberg, a pedido do próprio Duchamp, sem que pudesse revelar qual era. Ao mover o trabalho, ouve-se, então, um ruído secreto.

<sup>7</sup> Esta frase encontra-se escrita no interior da caixinha que constitui a obra “Resposta”, de Cildo Meireles, de 1974, 4x10x4 cm. Este trabalho foi apresentado na exposição Imágica Palavra, realizada no MAC-USP em outubro/novembro 1987.

<sup>8</sup> Exposição de Elida Tessler apresentada no Centro Universitario Maria Antônia – SP. Nov/2002-jan/2003.

espécie de cofre. A relação da chave com o cofre é muito estreita. Afinal de contas, aonde está o segredo?

O espaço expositivo que me foi proposto lançou-me para dentro de uma caixa, a qual transformei em claviculário, mantendo as características daqueles comuns, vendidos em lojas especializadas para chaveiros. Além da porta de entrada, esta sala possuía uma outra, em parede lateral. Quando aberta, não encontrávamos o vão, a passagem: deparávamo-nos com uma outra parede, um impasse, uma abertura bloqueada. Uma porta que conduzia a lugar nenhum. A referida porta foi escondida por uma falsa parede, por necessidades da instituição, alguns meses antes da montagem de *Claviculário*. A sala foi pintada em cinza chumbo e as paredes preenchidas por ganchos, dispostos sob forma de grade, onde foram colocadas as chaves.

Nas chaves, palavras inscritas.

Palavras-chaves

Estas palavras correspondem a uma listagem quase exaustiva dos objetos de um apartamento. Na realidade, encontrei esta listagem na cabeceira da cama de minha mãe, logo após a sua morte. Pude somente deduzir que seria esta a sua tentativa de repertoriar seu acervo de vida, listando objetos, indicando sua localização na casa. Guardei este material por três anos e meio, até que eu me senti apta a revelar este segredo.

A função das coisas sofre deslocamento. Em um instante, abrem-se inúmeras outras possibilidades de uso para tais objetos.

A Alice de Lewis Carrol esquece a chave em cima de uma mesa, quando o seu desejo era o de abrir a porta, encontrar a passagem para o país das maravilhas. Percebo que temos que mudar nosso tamanho, dependendo de nossas aspirações. No caso deste trabalho, somos Alice entrando na caixa das chaves, procurando uma passagem lá onde não há.

Às palavras-objetos, foram mescladas as palavras de duas cartas a mim detinadas.

A primeira carta: datada de 2 de junho de 1954

*Querida filha*

Eu nasci no ano de 1961.

Teria minha mãe guardado uma filha em segredo?

Eu teria uma irmã que já morreu?

Eu teria a idade de uma filha que nasceu a partir de uma carta?

A última carta: datada de fins de 1988  
Desejo: pulverização em águas de mar ou rio.

Arrigo Barnabé:

*Como já dizia o meu amigo-poeta Itamar Assunção:  
doa em quem doer, ninguém quer morrer  
todo mundo quer só um dia nascer*

Da morte, não se sabe nada. A morte abre um buraco no saber. Ao dizer morte, dizemos o que não sabemos. Não podemos contar sobre a experiência de nossa própria morte

### **O desenho do segredo**

Se a morte abre um buraco no saber, no meu caso, é o buraco da fechadura.  
O buraco da fechadura é o da abertura  
Quando se fala da morte, se fala de uma dor.

Elza Soares canta Caetano Veloso:  
*Dói da flor da pele ao pó do osso  
Rói do cóccix até o pescoço*

Não se espera da palavra nada que dê conta do que seja a morte

Chavão abre porta grande.

MORTE não é uma palavra chave. Não está gravado em nenhuma chave.

VIDA e CORPO são palavras-chaves.

As palavras escorrem.  
Nada resta.  
O que resta?

Calamos.  
Calar uma fruta, por exemplo, é abrir um buraco. É retirar um pedaço.  
É ter uma prova:  
Provar o gosto para saber se está bom – ou não.  
Se está maduro demais.  
Se o tempo já passou.

Não se pode abrir um buraco no corpo para “provar” o seu tempo. Ou a sua saúde. Geralmente, realiza-se o corte para curar.

René Passeron: A arte é o curativo do vazio.

Toda obra de arte é um curativo do vazio, escreveu René Passeron. Não o vazio enquanto espaço entre as coisas, pois este não é ferida, mas como **ausência** mesmo daquilo que o quadro oferece como simulacro. As imagens foram a princípio feitas para evocar as aparências de algo ausente. Diz Passeron ainda: *“todo curativo esconde ao mesmo tempo que trata, e substitui sua aparência perceptível a não aparência do ferimento, desde então aberta ao imaginário”*.<sup>9</sup>

A pintura remete para outra coisa que ela mesma, como a relação do curativo e a ferida. Pensaremos a pintura não mais como uma janela aberta para o mundo (real), mas uma janela com persianas fechadas abrindo espaço para o imaginário, para imagens que não imitam mas evocam a realidade. Por esta razão, não nos importaremos tanto com a perfeição da imagem e suas qualidades de mímese, pois sabemos que tudo é ausência, e é este o caráter da criação que faz sentido. Afinal, o real é a rocha que o poeta lapida.

Aqui, poderíamos dizer que a arte guarda um segredo enquanto o revela. Que a arte revela um segredo enquanto guarda-o.

Poderíamos mesmo dizer, seguindo Passeron, que um pintor lúcido sabe que toda pintura é transparente, que a superfície de sua tela sempre aparece por detrás da materialidade da tinta ou de outros materiais ali depositados, dado o caráter indicativo de que o tema em questão não é o que ali está representado. No interior de toda pintura, há um nada de pintura. É ali que podem nascer as respostas para as questões abertas anteriormente. Como mostrar o vazio?

Ali se configura a forma que nos olha.

É interessante a maneira como como Marc le Bot, jogando com as palavras, nos mostra que, quando calamos, realizamos uma breve morte no vocabulário. O dizível toca a fronteira do dizível.<sup>10</sup>

E que necessidade teria a arte de dizer alguma coisa?

---

<sup>9</sup> Passeron, René. Por uma poianálise. In: Sousa, Edson; Tessler, Elida; Slavutzky, Abrão (orgs.). *A invenção da vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2001, p. 11.

<sup>10</sup> Marc le Bot “Le vide des mots”. *Le secret – Traverses* Revue du Centre National d’art et de culture Georges Pompidou, março 1984. Pp.2-7

O que pode a arte?

Um segredo é sempre mais do que algo que escondemos. Por mais previsível ou sabido que seja, nunca pode ser revelado inteiramente.

Contar um segredo gera outro segredo.

As palavras não conseguem dar conta de revelar completamente um segredo

Algo escapa à palavra

As palavras são retidas nas chaves para não escapar – mas entre uma e outra palavra há espaço.

Para os enigmas

Para as imagens

Para a memória de uma morte que ainda não foi a nossa.

Um segredo guarda sempre um outro segredo.

Guarda ou esconde?

Guarda ou entrega?

Sabemos, secretamente, que alguma coisa falta em nossa revelação. As palavras são esconderijos. O que mais atrai é o enigma – quando há excesso ou falta de realidade em nossas maneiras de contar o segredo.

“O enigma é que todos os momentos (ou todas as palavras)

são palavras—fronteiras como são a palavra SEGREDO e a palavra MORTE.

As palavras, todas as palavras – falam e calam mas não dizem porque calam.

Este é o seu segredo

Leonardo da Vinci “A arte diz o indizível; exprime o inexprimível; traduz o intraduzível.”

Atualmente, o segredo pesa 32 quilos e mede 4 metros de extensão. O segredo é calado, entretanto desenha.<sup>11</sup>

O segredo é grafia

O segredo é sombra

O segredo depende da luz

O segredo depende mais de quem olha do que quem deseja escutar.

No obscuro, o segredo sussurra:

Nós somos todos inexperientes diante da morte.

---

<sup>11</sup> Referência ao trabalho intitulado “Segredo”, apresentado na exposição “Vasos comunicantes” – Pinacoteca do Estado de São Paulo, maio/junho 2003. Para confeccionar este trabalho, colecionei chaves que me foram entregues a partir da seguinte demanda ao outro: “Tens alguma chave cujo segredo não serve mais?”. Todas as chaves foram justapostas e enfiadas em fino cabo de aço, fio que sustenta as chaves-pérolas de inusitado colar. Este trabalho atualmente faz parte do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.



A experiência nada é sem as palavras.  
A experiência necessita da narração.  
A arte seria a maneira de narrar sem palavras.  
Neste casos, com palavras-chaves.  
Com chaves virgens. Onde a palavra seria o segredo.

É o intervalo entre cada chave que constrói o texto.  
Ou melhor dizendo:  
O intervalo é o próprio texto.

No intervalo está a possibilidade de entrecruzamento entre uma mensagem e outra.  
Não esqueçamos que aqui estamos tratando também de cartas. De palavras-cartas, de palavras-missivas, de palavras-correspondências.

A listagem de coisas não está distanciada do corpo.  
Neste caso, de um corpo que dói.  
Para gravar as palavras nas chaves, surge a pergunta:

Qual é o corpo da letra?

As palavras são coisas corporais.

As palavras têm lugar no corpo.

*“O corpo segue seu movimento próprio. Se ele se deixa estupefar, torna-se coisa entre coisas, partes ligadas com o segredo e com a morte. Entre o corpo e as palavras, está a parte do indizível.”<sup>12</sup>*

É o segredo do segredo.  
Não somos nós a querer saber o segredo.

O segredo nos questiona:

O que pode a arte?

---

<sup>12</sup> Marc le Bot “Le vide des mots” Le secret – Traverses Revue du Centre National d’art et de culture Georges Pompidou, março 1984. P.7

